

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — **Typographia de Paula Brito** — praça da Constituição n. 64, onde se assigna a 50000 rs. por seis mezas para a côrte; e 60000 rs. para fóra, pagos adiantados. Ns. avulsos, 120 rs.

A MARMOTA.

Rectificação.

No artigo, que publicamos, a respeito da grave enfermidade de S. Ex. o Sr. Conselheiro José Thomaz Nabuco de Araujo, não fizemos menção do Sr. Dr. Antonio Joaquim de Araujo e Silva, que, como amigo, e como medico não desamparou o leito do enfermo, porque ignoravamos esta circumstancia.

Visitando o Sr. Conselheiro, em cujo aposento não entravam senão os seus medicos, seus enfermeiros, e pessoas de sua familia, ou muito familiares em sua casa, tivemos, é verdade, occasião de estar com o Sr. Dr. Araujo, medico mui bem conceituado, e pessoa muito estimavel; mas não sabíamos, como sabemos hoje, que na crise mais melindrosa da enfermidade do nobre Conselheiro, S. S. prestara-se a coadjuvar o medico assistente com tal empenho e dedicação, que não ha elogios que lhe bastem por actos tão desinteressadamente praticados.

Aceite, portanto, o Dr. Joaquim Antonio de Araujo e Silva, digno subdelegado da freguezia da Gloria, estas linhas, que de coração lhe dedicamos, não só pelo que S. S. merece por si mesmo, como pelos serviços que prestou a um grande homem, como é o Sr. Conselheiro Nabuco de quem somos entusiasta e verdadeiramente amigo.

POLYETNA.

O FILHO DO PESCADOR

Romance Brasileiro

ORIGINAL

POR

ANTONIO GONSALVES TEIXEIRA
E SOUSA.

(Principiou no n. 1065.)

Nós não deparamos nesta carta sinão com palavras habilmente colladas, formando um agradável stylo, em cujo fundo ha um pouco de eloquencia sentimental, que faz apparecer em nossa alma uma como suave melancholia,

Cassandra

TRAGEDIA ITALIANA.

Cassandra, segundo diz a tradição, foi a mais linda das filhas de Prismo, tão linda que Apollo apaixonou se loucamente por ella.

Cassandra, como premio de seu amor, impoz que queria o poder de adivinhar o futuro, e satisfeita esta condição, não tardou em faltar á sua promessa.

Apollo irritado e vendo que não podia mais extinguir-lhe o dom de prophetisa, fez com que ninguém lhe desse credito; assim foi que em vão depois do roubo de Helena, Cassandra, prophetizou a ruina de Troia; foi assim tambem que ninguém deu-lhe ouvidos quando ella quiz oppor-se á fatal maquina que consigo levava aos troianos a destruição de sua cidade.

Refugiada no templo de Pallas na noite daquelle assalto, Cassandra foi ultrajada por Ajax ante os altares da deusa; e quando os vencedores dividiram entre si os despojos da conquista, Agamemnon reclamou-a como sua captiva e a conduziu para Argolida. Era alli que ella devia perecer immolada aos furoros de Clytemnestre e pelo proprio braço que acabava de assassinar Agamemnon.

Cassandra tinha os cabellos cor de fogo, a boca arredondada, os olhos faiscantes e a tez asiatica.

E' este o argumento que Mr. Somma julgou dever aproveitar para sua tragedia.

Cassandra figura na *Orestes* de Eschylo; Seneca tambem aproveitou a sua historia, e ultimamente Lemercier fez-a ressuscitar no seu *Agamemnon*. Em todas estas obras porém, Cassandra apenas tinha um papel episodico; o que não acontece na tragedia de Mr. Somma, onde ella occupa a parte

que nos obriga a sympathisar com o seu auctor. Mas quem sabe si nessa melancholica eloquencia haverá uma cadeia de presentimentos, producção de um desses divinos instantes, puramente psicologicos, em que parece que nossa alma desquitada da materia, toda embelida na sublimidade de suas proprias perfeições, destende uma vista prophetica pela vasta amplidão de remotos futuros? Quem sabe quantas vezes teremos, sem o saber, vaticinado o nosso distante porvir? Oh! pôde muito bem ser; tão poucos mysterios não tem a natureza em o seu immenso seiol

Nós já sabemos que em uma manhã o caçador havia estado com Laura, e nessa occasião fallecendo-lhe o animo de pessoalmente entregar-lhe a carta, que prompta já trazia, resolveu-se mandal-a por um escravo de Laura, que o havia procurado depois da sua saúde. Sempre estes entes miseraveis se-

mais importante, e pôde-se mesmo dizer onde ella transluz em toda peça.

O primeiro acto representa a partida de Agamemnon conduzindo sua captiva; os adeuses de Cassandra e de Hecube, e o brado prophetico que annuncia sua proxima vingança. Esta vingança é Clytemnestre a quem Egysto induz a assassinar o rei.

Entre Clytemnestre e seu favorito já havia um crime que só com outro crime poderia ser lavado. O poeta grego aproveitou-se deste episodio, ao qual Mr. Somma acrescenta ainda alguma cousa de mais positivo.

Com um gesto ironico Egysto faz Clytemnestre notar a formosura de Cassandra, captiva do rei, e o que o adulterio hesita em concluir o ciume consuma. Mas quem será o assassino?

Egysto quizera recusar-se a isto, por que tem medo e porque lhe é necessario um complice; assim em nome de Priamo e Hecube, massacrados por Agamemnon, elle conjura á captiva para assassinar o rei. Cassandra revolta-se contra semelhante proposta e no rosto e na magnifica explosão de sua voz mostra toda sua celera, todo seu horror, mostra indignação de que se acha possuida.

Parece-nos que o ultimo acto altera um pouco a simplicidade epico e grandeza dos primeiros. Entre a morte prevista de Agamemnon e a não menos inevitavel de Cassandra o auctor intercalou um expediente de que se usa nos melodramas, por meio do qual o pequeno Orestes consegue salvar-se.

Mas era isso necessario: vem elle como o vingador de sua raça, legado por Cassandra aos ultimos Atridas.

Ha grandes bellezas na tragedia de Mr. Somma, que soube despir a Cassandra antiga de todos os seus senões, dando uma physio-

prestam a este baixo officio, não só mediante alguns vintens, mas tambem para se insinuarem no animo dos senhores, ou d'aquelles a quem servem, por causa da possessão de seu segredo: este mesmo escravo era quem havia sido o portador das primeiras cartas; e foi quem levou a carta de Laura em resposta á que vimos, concedendo a pedida entrevista. Laura não faltou a ella; Laura lá se achou; e ha pouco a deixámos entre as mãos de um desconhecido!

Agora voltemos á Laura. Deixamol-a ha pouco entre mãos de um malvado, o qual, depois de lançar-lhe em rosto a sua perfidia, o seu novo amor com o moço incognito; depois de repetir-lhe a integra da carta deste e a da della; depois de opprimil-a com os mais repugnantes insultos, acrescentou com uma voz infernal:

— Agora aprompta-te para morrer...

nomia perfeitamente humana e gestos patheticos á sua. Mr. Somma deu melhor desenvolvimento á obra de Eschylo sem enfraquecê-la. Sua musa como se dizia outr'ora, inspira-se sempre igual e firme, uniformiza-se com as circumstancias; quando é preciso lamenta-se, enterneco-se, arrebatá-se, cinge-se ao lyrismo e á epopôia com rara habilidade. O Sr. Somma não sente necessidade de interromper o seu pensamento em busca de bonitos versos; elles nascem, vem por si mesmo accudindo á sua penna e com muita naturalidade.

Mme. Ristori é uma admiravel Cassandra. O que há de bello, de admiravel, de incrível tudo o seu genio resume; A profundeza do sentimento, a intensidade da paixão, a delicadeza com que exprime uma e logo apoz outra diversa, a sciencia emfim de todas as particularidades da arte por ninguem é melhor interpretada. Mme Ristori sempre electrisa o publico que a escuta; o o genio quando chega a esta altura não pode mais ser medido; ante elle todos se inclinam, todos se prostram.

(Extr. da Ilustração Franceza.)

Chapéu d'Uvas, 5 de Abril de 1859.

Compadre Giba.

Quem mais vive mais aprende.—Com este meu desarranjo commercial que me tem feito—andar da sala para a cozinha—e que me tem feito—criar cabellos brancos,—tenho tomado—lições de mestre!

Como te disse na minha anterior, la fui de—catrambias—para casa do juiz, e julgando eu que aquillo fosse algum—maná de frigideira—enganei-me, porque me vi—prego—com tantas perguntas.

Tambem eu não tive—papos na lingua—para responder,—fallei como um papagaio:—dei—sota o az—á todos elles e sabi—fresco como uma alfaca.

Atrapalhei tudo, de modo tal, que elles hão de—suar o topete—para desfazer—a miada.

E' verdade que eu—misturei alhos com bagalhos,—mas que importa? Deos disse: trabalha que eu te ajudarei, por isso,—cada qual puxa a brasa para a sua sardinha,—logo eu faço o que posso, porque—quem não pode, trapacêa.

O que mais me custou, compadre, foi ouvir—á péquedo.—uma decompostura de

—Para morrer?!

—Sim, para morrer...

—Ah! tem piedade de mim...

—Não ha piedade para ti...

—Pelo amor de Deos, não me—mates!..

—E' impossivel; tu morrerás, e morrerás neste mesmo instante... Laura, tu não tens mais que um momento de vida: põe-te bem com Deos, anda, é tempo; arrepende-te dos teus crimes, que tão poucos não são; anda, avia-te...

—Ah! tem compaixão de mim!.. Oh, meu Deos! e morreréi tão moça...

—Bem moço morreu Florindo, e nem-uma duvida nisso teve. Anda, avia-te.

—Ah! espera um momento... ouve-me...

—Qual ouvir, nem ouvir; não ouço nada:

Anda que eu tenho pressa. Desejo matar-te como quem deseja ter dinheiro. Oh! tu me não mandarás matar por esse caçador, como por

—lirar couro e cabello.—que me passou o massante do Piadoba Estive—ás duas e ás tres—atirando-me a elle com—unhas e dentes—e por-lhe os—oços n'um molho,—porém fiz do conta que—era cão que ladra-va á lua—e cão—que ladra não morde,—por tanto—a palavras loucas, orelhas mou-cas.

Pensa elle que por eu—andar coberto de lã, que sou carneiro?—euganou-se, porque—nem tudo o que luz é ouro. Atraz de mim virá quem bem me fará: ninguem faz mal, que o não venha a pagar.

Olhe, compadre, sempre ouvi dizer que,—quem dormo com porcos, amanhoca com pulgas.—Pois o tal traiaia, que me tinha prometido—villas e castellos—que era—unhas e carne—comigo não me atraçouou como um judas, indo para—onde o diabo perdeu a bota!

Olha que isto da gente—ver caras e não ver corações—é muito ruim!

Confesso que fiquei de—queixo cahido—com tal proceder, porém—dos males o menor:—neste caso—antes só que mal acompanhado.

Quem não deve, não teme,—si fui infeliz no negocio, a culpa não é minha, por tanto hade ser o que Deos quizer; demais eu tenho como advogado um homem que é capaz de—enfiar tudo pelo fundo de uma agulha—e ninguem é capaz de lhe—por o pé adiante,—e conto com a rectidão no juiz que,—aqui para nós,—é um—homem de mão cheia.—Contado, como o—seguro morreu de velho,—vou empenhar-me com o compadre Quitella, que é uma excellente—cunha—para o juiz o veremos quem—paga o pato.

E' verdade que a—corda sempre arrebenta pelo mais fraco,—porém,—morra embora o homem, mas fique a fama,—ao menos heide ser verdadeiro até a morte, por que meu pai sempre me dizia, rapaz,—o boi pelo corno, o homem pela palavra.—Neste caso—antes quebrar, que torcer.

Compadre, não devo abusar, porisso adeus até breve.

Seu amigo

Rilhafolles.

☉ Corsario preto.

I

Alta noite, erma a terra, o céu sem nuvens, Tépid o ar, embalsamada a brisa,

mim mandaste matar a Florindo... Bem vês que nada mais faço que antecipar-me. Vamos, vamos...

—Marcos, pois eu que te—amo tantol..

—Bem sei; quero, pois, premiar o teu grande amor, como elle merece, e como tu premiaste a Florindo; oh! eu aprendi contigo. Bem sabes o como sou terminante em minhas resoluções; escuso dizer-te outra vez que morrerás por força. O lugar é solitario, somos sós, o ninguem, absolutamente ninguem pôde arrancar-te de minhas mãos. Aproveita, pois, estes momentos para tua alma.

E desembainhando uma espada, e apon-tando sobre o peito de Laura, dice ainda:

—E' mais um'alma que vac hoje para o inferno...

—Soccorre... quem me—soccorre?..

—Eu...

Sobre o crystal de adormecido pego
Entre dous céos um bergantim resvala.
No ar librada em mar de anil fluetua
A argentea lua a se espelhar nas aguas
E os remos ferem com cadencia a onda
E debulham-se em perolas brilhantes.
Mysteriosa luz scintilla ao longe
Sobre o balcão de gothico edificio
Alvejante ao luar entre syc moros
Sobre os recifes onde o mar rebenta.
Etherea voz, estremecido canto
Levanta-se do mar e revoando
Vai com a onda esvaecer na praia.

Anjo, que no ether pairas,
Dizia o cantor nocturno,
Como a lumentosa Alcyone,
Abre as azas de oiro, vós,
No meu barco vem pousar.

Qual em tua golesia
Brilha essa morbida luz,
Faal de amor e de esperança.
Chamma interna no meu seio
Louco amor soube atear.

Aqui tambem ha doçuras;
Aqui, as tuas mãos nas minhas,
Fitos nos teus os meus olhos,
A teus pés, esta alma ardente
Em canções heide exhalar.

São meus dominios as ondas
A' terra nada me prende,
Longe da vida e dos homens,
Na solidão do oceano,
Só a Deos me sei curvar.

Quando a tempestade troa,
Quando o mar raivoso brada,
Mais alta que a tempestade
Minha voz altiva e forte
Cobre os bramidos do mar.

Anjo que minha alma adora,
Que como formosa estrella
Velas merenciosa e bella,
Abre as azas, no meu barco,
Bello anjo, oh! vem pousar.

Inda no ar a longo e-tremeciam
Do memorado canto ultimas notas
Quando da praia novo canto sôa
Que dos labios de um anjo vir parece.

Dourado bergantim
Que sobre o mar te embalas,
As ternas tuas fallas
Me fazem delirar.

Bradou com voz sepulcral um terceiro per-sonagem, que acabava de entrar nesta terri-vel scena de horror!

CAPITULO XIII.

UM PHANTASMA!..

Quando a segurança individual dependo do um segredo, ella deve ser muito precaria, quando alguém está egualmente de posse delle; e então essa segurança está á discreção do que compartilha esse segredo: e, pois, a morte do ente, que sabe da nossa vida, quem nos assegura o bem estar della: mas quem sabe si a morte mesma será sufficientemente capaz de guardar um importante segredo?

« Oh! felizmente chegou! E' elle, é o caçador que vem salvar sua amada das implacaveis mãos do terrivel e furioso Marcos! E' elle, é elle... felizmente chegou, e ainda a tempo. Graças a Deos! elle não será increpado de esquecido, nem se-lhe-lançará em rosto a fêa culpa de motivador do assassinato intentado por Marcos contra Laura... »

Meu coração repassa
Teu conto, bello nauta,
Mais doce do que a frauta,
De um languido scismar.

Dourado bergantim,
Comtigo esta alma vai,
Porem meu velho pai
Não posso abandonar

Do pobre ancião — coitado!
Quem dello cuidaria?
De dôr se finaria...
Morrera de pezar.

Do baixel a voz replica:
Bello anjo que eu adoro,
Que eu mais prezo do que a vida,
Que eu mais amo que meu brigue,
Ah! tu não sabes amar!

Que serci sem teu amor?
Não vivirei entre os homens:
A' terra não voltarei;
Irei certo contra as syrtis
O meu brigue arremessar.

E um soluço afogou a voz do nauta!
No balcão oscilou, tremeu, sumio-se
A luz qual uma estrella que se esconde.
Incerta sombra na deserta praia
Fulgio entre os sycomoros sombrios.
E o bergantim da terra se afastando,
Como um cysne no azul do manso pego
Abrindo vai fosforescente esteira,
A voz de um anjo c'o baixel fugia.

Dourado bergantim,
Por ti meu pai deixei
E tudo abandonei:
Não saberei amar?

II

Cheias as velas por galerno vento,
O alto mar em alta latitude
Alterosa corveta vai singrando.
No horizonte uma vela lobrigára
O gageiro na gavea de vigia,
E o oculo assentára o comandante;
E apoz um curto exame as varredouras
E os cutelos içar mandado tinha.
Pela sabia manobra! — estimulado
O veloz baixel voar parece
Fremeo sobre o vertice das ondas.
Entretanto essa sombra duvidosa,
Que o penetrante olhar do marinheiro
No vago do horizonte discernira,
Mais distincta tornada, a pouco e pouco
Se revela a final e se assignala
Sob a forma de um brigue.

« Mas será elle? »
« E quem sinão elle? oh! sem duvida alguma, é elle... »
« Mas si é elle, aonde esteve até agora? porque tardou tanto? »
« E quem, sinão elle, podia vir a este logar de entrevista? »
« Mas que fará? Bater-se-lha com Marcos? Oh, meu Deus, elle é tão lindo, é tão bom!... tão joven, como bater-se com um malvado, deslealdado, robusto, e que parece tão máo... Que fará elle?... »
Eis, pouco mais ou menos, as questões que eu sinto ferirem-meos ouvidos neste momento. Porém pergunto-vos agora eu: Anciavas que o caçador viesse em soccorro de sua bella? eu creio que sim: receavas pela sua vida, quando a viste nas mãos de Marcos próxima a perder a vida? eu creio que sim: e porque? sympathisastes vós com ella? eu creio

Arfa a corveta

Os flancos pelas vagas acoutados,
O vento pela enxarcia assoviando,
E á voz que brada « aprôa sobre o brigue »
Corcel brioso que devora o espaço
Prompto se inclina e docil obedece.
Mas o bello navio, indifferente
Da corveta á manobra, não parece
Perceber-lhe a intenção, a todo o panno
Sempre nas aguas della navegando.
Nem hasteado pavilhão e flumula
Corresponde, nem quando a voz do bronzo
Lh'o ordena, salva-a não se digna.
No armo convex não vê-se humana forma.
Invisível poder é quem dirige-o!
Tudo pois se prepara p'ra o combate:
Cada qual no seu posto ancioso, attento,
As mechas acendidas; os gageiros
Para o cesto da gavea se elevando;
Da polvora os paños escancarados;
Ferradas altas velas e os cutelos;
Os harpeos de abordagem esperando
O seu lugubre emprego, embaixo leitios
Para os feridos receber já promptos;
Nos estojos abertos reluzindo
C'um sinistro lampejo estranhos ferros;
Do extrepitoso apito os assovios;
O rutilar e retinir das armas;
—Do combate naval graves preludios—
Solemne o aspecto tornam do navio.

A' breve e imperiosa voz do chefe
Na corveta um clarão subito briha;
Da explosão o estampido o ar abala
E o projectil ferindo a flor das aguas
Foi sibillando se encurvar no brigue!
Mas, qual si este signal só esperasse
Subitamente o flanco apresentando,
Uma descarga, á qual outra responde
Da corveta, partio do brigue, e vio-se
Sobre sua pópa tremulando ovante
N'uma auréola de fogo uma bandeira
Negra!

— O Corsario preto! bradam vozes
E os semblantes se animam, e os olhares
Se acendem! — O Corsario preto! exclama
Taciturno ancião que a tudo alheio,
Immovel, sem olhar, sem voz, sem vida,
N'uma peça sentado parecia
Ter do metal tomado a natureza.
Longo, longe sua alma divagava,
Ave de arribação perdida, errante,
Em demanda de novos horizontes,
Outros climas buscando e ignotas plagas.
— O corsario! o corsario! balbucia
E se levanta pallido esombrio
As pupilas ardentes, dilatadas
Como a hyena que odor de sangue aspira.

que sim: e porque? pois por uma criminosa? Oh! e vós tendes razão, e com quanto na sympathia nem-uma razão haja, com effeito a vossa sympathia é bem justificavell

E' tal o fundo de bondade, que existe em nossa alma que nos-leva, mesmo a despeito nosso, a-sympathisarmos com o fraco, seja quem for. Si vissemos Laura luctanda com uma mulhier de eguaes forças, certo que não só não sympathisaríamos com ella, como mesmo desejaríamos que succumbisse; mas são dous criminosos: um forte e armado, e outro fraco e inermel e, pois, é justa a vossa sympathia.

Agora tenho a dizer-vos que o novo personagem, que em soccorro vem de Laura, não é o caçador; embalde o temos chamado: embalde, porque elle não virá!.. Sim, bem a meu pesar devo dizer-vos que elle, ferido de um tiro, geme no leito de dôres, na cida-

Um relampago d'ira e de odio infrene
As severas feições lhe aclara; — alaga
Com a dextra o punhal pendente ao lado.
Espesso fumo envolve os dous navios
Que furiosos buscam-se, se aferram,
E se abalroam com fracasso horrendo.
O gupêz do brigue entrára avante
No castello da prôa da corveta.
Renhida, horrível luta então travou-se.
Então vio-se atravez do nevoeiro
Sobre os cabos e ovens correrem vultos,
Ameaçadoras sombras, e investirem
O navio inimigo. Jorra o sangue:
A celeuma do mar cobre o tumulto
E o sibilo das balas e o ruido
Do ferro contra o ferro.

De repente

Os invasores páram e recuam
Diante de um homem cuja espada vibra
Scintillante e fatal em mãos herculeas.
Qual leão acaçado no seu antro,
Como a avalanche que dos Andes rola,
Todo esmaga na rapida passagem.
Porem afonta espada crusa a sua!
Nobre ancião ao seu encontro voa.
E ante esse encanecido adversario
Em cujas debeis mãos a espada trame,
Sente o corsario subito desmaio;
Mas seus musculos d' aço se distendem,
Mas já seu braço se ergue, a espada rasga
No ar ardente sulco, — quando um grito
Resoa e entro os dous se precipita,
Pallida e bella como a Hersila antiga,
Uma mulhier que no seu saio acolha
O golpe contra o velho dirigido.
As armas cahem das mãos dos combatentes.
O mesmo nome sabe dos labios de ambos.
Attonitos recuam, nutam, gemem
Sobre o corpo da moça que murmura:
— « Perdoa, ó pai, da filha; o desvario
Ao homem que eu amei também perdôa »
E disse o expira.

Gritos de victoria

Se ouvem: sobre o corsario vinte braços
Se erguem; vinte vozes que se renda
Intimam-lhe. Com torvo olhar encara-os:
Com violento esforço se desprende
Das mãos que o prendem já ao mar se arroja
Que se abre, ferve e feixa-se sobre elle.
O ancião esta scena contemplava
Com aspecto impassivel, olhos seccos,
Como se para tão acerba angustia,
P'ra dor tamanha não houvesse lagrimas.
De repente seus olhos se injectaram.
Um immenso soluço o peito abriu-lhe,
Rasgou-lhe o coração. Sorriso extraño
O livido semblante contrahiu-lhe.

de, em casa do Dr. Synval, seu padrinho, e pae adoptivo!

« Foi Marcos, foi Marcos o seu assassino... »

« Ah, malvado!.. »

« Maldição... sobre elle!.. »

« Ah! coitadinho! Tão moço, tão bello, tão cheio de bondade!.. »

« Marcos, malvado Marcos, assim acabes, monstro, assim acabes!.. »

Ainda me-parece ouvir estas palavras de alguns de meus leitores. E que me-importa que neste momento descarregueis toda a furia do vosso odio contra o perverso Marcos? como elle é um malvado, lá se-avenha.

Quanto ao interesse, que tomais pelo bello caçador, posso assegurar-vos que elle é digno delle; e eu desde já vel-o agradeço.

Triste cousa é sem duvida o escrever uma historia, que, bem que ligada em todas as

Sobre o seio vergou a fronte hirsuta.
Soltou uma estridente gargalhada
Sinistra, convulsiva, imensa, horrivel,
Como o riso do inferno! — estava louco!

Paineiras, 20 de Julho de 1859.

DESAPONTAMENTOS.

Passar por uma casa que se está pintando e cair sobre o *castor* ou a casaca nova uma porção de tinta.

Estando no melhor do somno, acordar sobresaltado pelo barulho que o vizinho faz batendo ha meia hora em sua porta, sem que lh'a venham abrir. Não poder mais conciliar o somno, mesmo depois de terminar o barulho.

Perguntar á um marido como passa sua mulher, ignorando que a mais de seis mezes ella fugio com um *agiota*.

Passeando a cavallo, ouvir por toda parte dizerem: — *Pobre animal! pobre animal!*

Depois de confessar a uma viuva todo o amor que por ella sentis, terdes em resposta a noticia de que está para casar-se com vosso pai.

Ter de fazer uma viagem pelo caminho de ferro; mandar com antecedencia as bagagens e no momento de chegar á estação partir o ultimo comboy, deixando-vos á pé.

Ser casado com uma mulher que leva todo dia a taramellar e comprar um relógio que nem diz para o que foi feito.

CARLOS XII.

Carlos XII, rei da Suecia, morreu com 36 annos e meio de idade, depois de ter experimentado o que tem a pros-

suas partes integrantes, é todavia cortada de muitos accidentes. A curiosidade ergue-se de todas as partes, querendo com bocca de balêa, tudo devorar de um só bocado! Ainda bem umas cousas não estão desenvolvidas, quer-se saber outras; a um só tempo se pede um nome, exige-se uma explicação, demanda-se certos promenores; e a nossa pobre cabeça, maltellada por tantas impertinecias, perde-se nesse vasto oceano de interrogações!

Esieu vos-dizer que vos não posso dar o nome que me-pedis, porque ainda o não sei? E' o nome do desconhecido, que vem em socorro de Laura? Bem e dizia eu!..

Voltemos, porém, sobre o jardim.

—Eu... trouxa a voz do desconhecido que alli acabou de apparecer. Marcos não foi senhor nem da mais leve acção; porque esse incognito, ao tempo que proferiu o seu terrivel

peridade de mais glorioso e o infortunio de mais cruel, sem ter sido comtudo amolecido por aquella, nem de leve abatido por este. Quasi todas as suas acções, ainda mesmo as mais secretas, foram irreprehensíveis. Talvez até hoje tenha elle sido senão o unico homem, ao menos o unico de todos os reis, que tenha vivido sem commetter fraquezas; sua virtude era tal, que degenerava na mais severa austeridade. Firme até a obstinação, foi por isso victima de calamidades na Ucrania, e esteve cinco annos preso na Turquia; sua liberalidade, degenerando em profusão, arruinou a Suecia; justiceiro em extremo, foi por isso mesmo muitas vezes inexoravel; e corajoso até a temeridade, causou a sua propria morte. Suas superiores qualidades, pois, das quaes uma só poderia immortalisar a qualquer outro rei, fizeram a desgraça da sua patria. Foi o primeiro rei que desejou fazer conquistas, sem querer por meio dellas augmentar os seus estados; desejou ganhar reinos para dal-os. Antes da batalha, e após a victoria, era a Modestia personificada; e se era derrotado, permanecia em sua firmeza. Homem typo, antes que um grande homem; mais digno de admiração que de imitar-se, a sua vida deve ser um memorando exemplo para todos os reis que não creem que um reinado pacifico está acima de toda a gloria. VOLTAIRE.

L. M. do Couto.—Traduzio.

ANEDOTAS.

— Um sujeito querendo campar de moço de salão, pediu a certa dama, que executasse a *sua favorita*. Sem hesitar, sentou-se a senhora ao piano, e depois de executar parte da musica, teve de fazer pausa onde havia uma nota de suspensão. O sujeito julgando a peça terminada, corre á dama desfaz-se em agradecimentos, ouvindo em resposta — ainda não está acabada.

AMYOT E CARLOS IX.

Pedindo Jacques Amyot a Carlos IX uma abbadia consideravel, o rei lhe disse,

— Como é isto! pois não dizias que se tivesses mil escudos de renda ficarias satisfeito? Creio que já pesses mais do isso.

— Senhor, respondeu Amyot, o appetite chega quando se começa a comer.

—Eu... —lançando-lhe mão da mão em que tinha a espada, não o deixou já ser senhor de si!

Havia no jardim uma grande mangueira, cujo tronco era rodeado de alguns arbustos, que formavam uma pequena mouta, porém espessa: era junto della que Laura estava, quando foi agarrada por Marcos, e foi dessa mouta que se-ergueu o desconhecido: de modo que o apparecer, o proferir o — Eu... e travar da mão de Marcos, foi um só tempo! foi o brilhar do lampejo, o troar do trovão, e o ferir do raio!

Ao mesmo tempo que Marcos ouviu a voz do desconhecido, sentiu o peso enorme de uma pesada mão de ferro, que com força herculea lho-apertava a mão em que sustentava a faccinorosa espada sobre o peito de Laura; e o incognito, ao mesmo tempo que lho-apertava a dextra, como em um estreito

UM AMANTE INEXPERIENTE.

Em seguida damos, em fórma de dialogo, um resumo do que se passa em um amante inexperiente, que junto do objecto de seus amores quer pela primeira vez fazer-lhe a confissão do que sente, sem para isso ter animo. Quem ama verdadeiramente sempre vacilla quando quer exprimir o seu amor; raro é aquelle que logo pela primeira vez que se encontra com a virgem dos seus pensamentos, consegue fallar-lhe a linguagem pura do coração. Quantas vezes querendo expressar-lhe o seu amor não falla do tempo, da chuva, das modas, dos theatros, etc.?

Este de que tratamos acha-se nestas circumstancias; apreciemo-lo. Primeiramente falla a sua

Boca — A noite está magnifica...

O CORAÇÃO (á boca) — Meu Deus! Que tolice disseste! Explica-lhe tudo, diz-lhe que a amas, que a adoras, que...

A BOCA (ao coração) — Não me atrevo.

O CORAÇÃO (á boca) — Imbecill! Então catuca-lhe com o cotovello, aperta-lhe docemente o braço.

O COTOVELLO — Já lhe estou fallando, mas ella não me responde!..

O CORAÇÃO (aos olhos) — Meus companheiros, dizei-lhe que eu arrebento, dizei-lhe que eu morro, dizei-lhe...

Os OLHOS (ao coração) — Ella corou; julgo que já comprehendeu.

O CORAÇÃO (á boca) — É chegado o momento, fallai!

A BOCA — Tem gostado do espectáculo, minha senhora?..

BIOGRAPHIA

DE

MME. A. DE LA-GRANGE.

Acaba de ser publicada em um nitido folheto, pelo Sr. A. Aumont, a biographia de Mme. Anna de La-Grange. Contem ella curiosos pormenores á cerca d'esta distincta cantora, que actualmente tanto arrebatava com o seu mavioso canto, o publico d'esta capital.

Esta biographia acha-se á venda no escriptorio do *Echo do Brasil*, rua do Rosário n. 100, sendo o seu preço — 12000 réis

circulo de ferro, com uma espada, que brandia com a outra mão, lho-apresentava combate. Marcos estremeceu ao ouvir o tremendo — Eu... — e affrouxando a mão que prendia a sua victima, deixou, escapar-se a tímida Laura, que medrosa se-foi encerrar no fundo de sua alcova. Os dous ficaram a sós, e á discrição dos seus furores!

Peleja-se no fundo do jardim? sim, peleja-se e é peleja de morte!

Pouco tempo depois da fugida da Laura ouvia-se, o via-se de longe o repetir das espadas, e o seu terrivel faiscar! E' no fundo do jardim de Laura que se-peleja! Lá, dous homens se-matam despedidamente, e nem um vivo ousa se intrometer na briga!

(Continúa.)